



CINEMATECA PORTUGUESA - MUSEU DO CINEMA

Cinemateca Júnior

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

The Adventures of Robin Hood / 1938

(As Aventuras de Robin dos Bosques)

um filme de Michael Curtiz e William Keighley

Realização: Michael Curtiz e William Keighley / **Argumento:** Norman R. Raine, Seton Miller e Rowland Leigh / **Direção de Fotografia:** Tony Gaudio e Sol Polito / **Direção Artística:** Carl Weyl / **Montagem:** Ralph Dawson / **Som:** C. A. Riggs / **Música:** Erich Korngold / **Intérpretes:** Erroll Flynn (Robin Hood), Olivia de Havilland (Maid Marian), Basil Rathbone (Sir Guy de Gisbourne), Claude Rains (Príncipe John), Patrick Knowles (Will Scarlet), Eugene Pallette (frade Tuck), Alan Hale (Little John), Melville Cooper (Xerife de Nottingham), Ian Hunter (Rei Ricardo), Una O'Connor (Bess).

Produção: Hal Wallis e Henry Blanke, para a Warner Bros. Pictures / **Cópia:** digital, falada em inglês e legendada em português, 102 minutos / **Estreia Mundial:** 23 de abril de 1938 / **Estreia em Portugal:** Teatro Politeama, Lisboa, a 19 de dezembro de 1940.



Robin dos Bosques é um dos personagens mais populares no nosso imaginário, protagonista de histórias e aventuras que passaram de geração em geração, século após século. Da Idade Média, chegaram-nos os relatos das suas façanhas em baladas medievais e em 1475 encenavam-se já peças de teatro sobre a coragem do jovem Robin face ao terrível Xerife de Nottingham. A história de Robin dos Bosques, escrita e reescrita ao longo dos séculos, chega ao mundo do cinema já bem enraizada nos corações e imaginação de crianças e adultos por todo mundo. A sua primeira aparição no grande ecrã surge em 1908, com Robin Hood and His Merry Men, de Percy Stow e sucederam-se variadíssimas produções onde a mestria do arco e flecha ficou nas mãos de atores como Douglas Fairbanks (ainda no cinema mudo, em 1922), Jon Hall (1948), Sean Connery (1976), Kevin Costner (1991) ou Russel Crowe (2010),

entre muitos outros. Hoje apresentamos um dos mais memoráveis Robin dos Bosques, com Errol Flynn no papel de herói da floresta de Sherwood, na produção mais cara e ambiciosa da Warner Bros. até àquela data. Apesar das profundas dificuldades económicas numa década ainda marcada pela crise de 1929, **As Aventuras de Robin dos Bosques** transportam-nos para ambientes extravagantes, numa colorida Inglaterra medieval (aqui no muito inovador *Technicolor*), com a verdejante floresta de Sherwood e os seus sumptuosos castelos.

Realizado por Michael Curtiz, na sequência de sucessos anteriores com vários filmes de ação e aventura (os chamados *swashbucklers*), a arte de cortar a respiração está muito presente em **As Aventuras de Robin dos Bosques**. Com efeito, Michael Curtiz destacou-se com esta sensibilidade tanto perante momentos de ação, como em momentos delineados pela candura e inocência dos diálogos entre Robin e Marian, não fosse também esta uma das mais célebres histórias de amor. Interpretada por Olivia de Havilland, Marian, ao ver a compaixão de Robin pelos desamparados que protegia na floresta, tem uma das raras oportunidades a sós com o perigoso foragido. Perante a “compaixão pelos pobres e desamparados” de Robin, trocam-se palavras que nos chegam como uma flecha silenciosa, de implacável delicadeza: “Você é um homem estranho”, observa Marian. “estranho por querer fazer algo quanto a isto”. E face à opressão dos normandos, Robin dos Bosques, sempre leal a Ricardo Coração-de-Leão, é um herói de coragem e resistência, com a audácia de roubar os ricos, para dar aos pobres. Toda esta perseverança fará crescer a tensão entre Robin e Sir Guy, numa valentia que ofereceu à arte do cinema uma das mais arrebatadoras lutas de espadas, remanescente de outros emocionantes combates de Errol Flynn em *Captain Blood* (1935) e *Sea Hawk* (1940), ambos do mesmo realizador. A arte de cortar a respiração está bem presente neste momento icónico, onde o combate alcança tal descontrolo e magnitude, que se ultrapassam os limites do espaço físico. Dá-se lugar ao som das duas espadas e às sombras projetadas na parede, num duelo entre o bem e o mal, como se os meios do cinema fossem insuficientes para captar tamanho confronto, onde testemunhamos um acontecimento demasiado grandioso para as câmaras que foram designadas a gravá-lo.

Para além da riqueza na realização e fotografia do filme que hoje apresentamos, destaca-se a música do compositor austríaco Erich Korngold, maestro na Ópera de Viena, que regressou ao E.U.A. para compor a banda-sonora do filme. Das passagens exuberantemente românticas, à força indomável da sinfonia Wagneriana, a banda-sonora original resultou em algo completamente inovador para a época, sendo uma obra de arte em si. **As Aventuras de Robin dos Bosques** é também uma obra sinfónica em larga escala e uma influência presente em muitos compositores do século XX, entre eles John Williams, que se inspirou no trabalho de Korngold para a composição dos temas de *A Guerra das Estrelas* (1977) e o *Império Contra-Ataca* (1980).

“Normandos ou saxões, não me interessa. O que odeio é a injustiça”, respondia Robin a Marian. Pois hoje tentaremos também fazer justiça a um dos Robin dos Bosques mais célebres da história do cinema. Um filme aparentemente simples, com a eterna luta entre o bem e o mal, mas que consegue algo raro e precioso: colocar-nos um sorriso tão grande como o de Robin e Marian, um sorriso que merecemos, com toda a justiça.

Miguel Amaro